



## A SALA DE AULA INVERTIDA ENQUANTO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

*Maria Cícera da Silva Costa*<sup>1</sup>

*Maria Francineila Pinheiro dos Santos*<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente trabalho consiste em refletir acerca da sala de aula invertida no Ensino de Geografia. Esta compreende uma modalidade pertencente às metodologias ativas e que busca viabilizar um ensino significativo, permitindo ao aluno estar no centro do processo de ensino e aprendizagem. Com o advento da COVID-19, o professor de Geografia buscou se reinventar e ressignificar os conteúdos geográficos a partir desta nova realidade imposta. Em meio ao novo normal decorrente da pandemia, o professor deparou-se com uma necessidade urgente de pesquisar novas práticas pedagógicas, as quais facilitassem a interação do aluno e permitisse sua atuação de forma mais acentuada. Vale ressaltar que a metodologia utilizada no presente artigo encontra-se baseada na pesquisa qualitativa e exploratória e teve como sujeitos centrais da pesquisa, alunos dos 9º anos da Escola Municipal Pedro Carnaúba no Município de Viçosa/Alagoas.

### RESUMEN

El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre el aula invertida en la Enseñanza de la Geografía. Se trata de una modalidad perteneciente a las metodologías activas y que busca posibilitar una enseñanza significativa, permitiendo que el alumno esté en el centro del proceso de enseñanza y aprendizaje. Con la llegada del COVID-19, el profesor de Geografía buscó reinventarse y dar un nuevo significado a los contenidos geográficos a partir de esta nueva realidad impuesta. En medio de la nueva normalidad derivada de la pandemia, el docente se enfrentó a la urgente necesidad de investigar nuevas prácticas pedagógicas, que facilitarían la interacción de los estudiantes y permitieran su desempeño de manera más acentuada. Es de destacar que la metodología utilizada en este artículo se basa en la investigación cualitativa y exploratoria y tuvo como sujetos centrales de investigación, estudiantes de 9º año de la Escuela Municipal Pedro Carnaúba de la ciudad de Viçosa / Alagoas.

**Palavras-chave:** Metodologias Ativas, Sala de Aula Invertida, Ensino de Geografia.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDema) pela *Universidade Federal de Alagoas- UFAL*, *cicera06@hotmail.com*;

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) – IGDEMA. Coordenadora do Laboratório de Educação Geográfica do Estado de Alagoas - LEGAL/UFAL. Lidera o Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica – GPEG. *francineilap@gmail.com*



## **INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)**

O presente artigo tem como objetivo discutir a sala de aula invertida como possibilidade didático pedagógica, a qual promove o protagonismo do aluno para viabilizar uma aprendizagem significativa no Ensino de Geografia.

O cenário educacional em 2020 e 2021 colocou em xeque a capacidade do professor de Geografia de se reinventar, em um momento que a humanidade se deparou com a Pandemia da COVID-19 e todos os seus reflexos.

Não obstante, era necessário um despertar pedagógico no sentido de que novas práticas educacionais se estabelecessem no Ensino de Geografia, tendo em vista que o ano letivo a partir do avanço da COVID-19 se daria de maneira remota no município de Viçosa, no estado de Alagoas.

Em meio ao atual contexto pandêmico, as metodologias ativas ganharam ainda mais visibilidade, e vários pesquisadores se debruçaram sobre a mesma, nos trazendo possíveis caminhos e/ou soluções, que ajudariam de modo significativo o professor de Geografia a criar uma nova roupagem para a sua prática pedagógica.

## **METODOLOGIA**

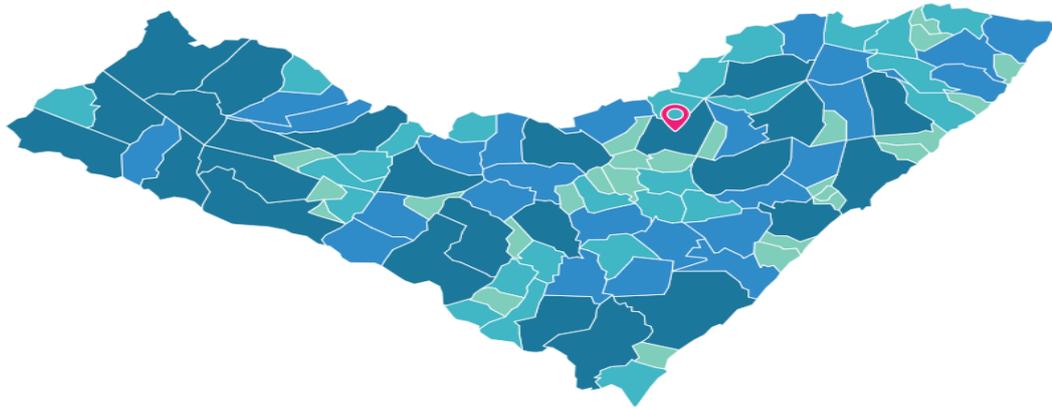
Este trabalho está fundamentado na metodologia da pesquisa exploratória, a qual, Gil (1999, p.43) enfatiza que “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Ainda segundo o autor, o desenvolvimento dos estudos exploratórios se desdobra com o objetivo de proporcionar visão geral acerca de determinado fato.

Dias (2000) aponta que o foco dessa abordagem permite estimular o pensamento do pesquisador, acentuando que o estudo exploratório é útil para o planejamento de pesquisas qualitativas ao trabalhar com um grupo focal através da elaboração de questionários.

Este artigo encontra-se pautado na metodologia da pesquisa qualitativa e exploratória. Como procedimentos metodológicos foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a qual segundo Gil (2002, p. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos”, a qual serviu de base para este trabalho.



Ademais, foram realizadas análises acerca das aulas de Geografia com os estudantes do 9º ano, turmas A, B, C e D da Escola Municipal Pedro Carnaúba, situada no município de Viçosa/ Alagoas, as quais serão dispostas a seguir, assim como figuras e imagens da referida pesquisa.



**Figura 1:** localização da Escola Municipal Pedro Carnaúba, Viçosa/Alagoas.

**Fonte:** <https://cidades.ibge.gov.br/> (2021)

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os desafios impostos pela realidade decorrente da Pandemia da COVID-19, fizeram os docentes lidar com um momento conturbado em várias esferas da vida e no que se refere ao contexto escolar não foi diferente. De forma muito rápida tiveram que se adequar a necessidade das escolas de continuar o ano letivo de forma on-line já que tudo era ainda muito incerto.

De acordo com informações supracitadas, foi necessário de forma muito brusca uma adaptação dos docentes a essa nova realidade imposta pela pandemia da COVID-19 a partir de 2020 perdurando aos dias atuais. Mas não se pode esquecer que os alunos também tiveram que se afeiçoar a essa nova realidade.

Todo esse contexto em que professores e alunos tiveram que se adaptar e sair de sua zona de conforto. Kaercher (2004, p. 8) corrobora que “[...] há uma a dificuldade de se renovar as práticas pedagógicas, bem como de se construir um bom embasamento teórico que promova um ensino de Geografia atual, dinâmico, plural, instigante, reflexivo e radicalmente democrático”.

Vale reforçar que:

[...] dar vida aos conhecimentos geográficos exige um exercício de saberes e fazeres docentes, em que o Geógrafo-Educador deve refletir constantemente sobre sua prática [...]. Sendo necessária uma articulação entre teoria e prática, construída a partir de uma mediação pedagógica que visa um processo de ensino-aprendizagem significativo (SANTOS, 2012, p. 21).



A educação teve que se reinventar, e nesse contexto, o professor precisou adaptar-se, buscando novas e/ou demais possibilidades para o processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, Santos e Vilar (2020, p. 228) apontam a necessidade de que o Ensino de Geografia seja “[...] propício para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem com vistas à cidadania, e as demandas contemporâneas”.

Para Klug; Molin e Dias (2015, p. 67) afirmam:

Desta forma, a tarefa de ensinar comporta diferentes caminhos e possibilidades, enquanto processo de formação/constituição de sujeitos ativos, ou seja, por meio da forma pela qual se ensina pode ser possível despertar atitude de passividade e reprodução frente ao conhecimento, ou, por outro lado, despertar a reflexão crítica e autônoma na (re)construção do conhecimento. Neste sentido, o papel do professor tende a ser determinante, visto que, potencializa formas de interação com o conhecimento.

Nesta perspectiva, o Ensino de Geografia buscou práticas educacionais com o intuito de validar de forma mais clara uma aprendizagem ativa, a qual possibilitasse a centralidade do estudante nesse processo. Sendo assim, recorreu a inserção de ferramentas como: internet, assim como, sites que permitissem a criação de quiz e jogos. Além da realização das aulas síncronas e assíncronas, as quais foram se tornando comuns e mais acessíveis aos professores. Neste contexto, chama-se atenção para o que compreende a aprendizagem ativa.

A aprendizagem é ativa e significativa quando avançamos em espiral, de níveis mais simples para mais complexos de conhecimento e competência em todas as dimensões da vida. Esses avanços realizam-se por diversas trilhas com movimentos, tempos e desenhos diferentes, que integram como mosaicos dinâmicos, com diversas ênfases, cores e sínteses, frutos das interações pessoais, sociais e culturais que estamos inseridos (MORAN, 2018, p. 2).

Corroborando o excerto acima, vale destacar que

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras (BERBEL, 2011, p. 28).

Conforme ainda destacam, Moraes e Castellar (2018, p. 424, 425)

O que se deve considerar quando se trabalha com aprendizagem ativa é que há uma série de aquisições a serem feitas pelos alunos e professores, aprendizagens que vão além de conceitos a serem adquiridos. Nesse sentido, interessa a aquisição, por parte dos alunos, de estratégias, habilidades, valores, capacidade, por exemplo, de analisar, sintetizar, entre outras.



De maneira simplificada o professor como mediador deve buscar meios que promovam o pensamento crítico do aluno, permitindo que ele saia da rotina e se veja atuante no processo de ensino e aprendizagem.

Moraes e Castellar (2018, p. 424) destacam que

Quando tratamos das metodologias ativas, estamos afirmando que o ensino por investigação, o uso de tecnologias, do teatro, a aprendizagem por problemas, o trabalho de campo, as aulas cooperativas – apenas para citar alguns exemplos do que é considerado metodologia ativa – colocam os alunos em destaque no processo de aquisição de conhecimento.

Mesmo com a necessidade de novas práticas é necessário lembrar que alguns professores permanecem estáticos seguindo uma repetição do modelo tradicional educacional.

Há também um bom número de docentes e gestores que não querem mudar, que se sentem desvalorizados com a perda do papel central como transmissores de informação e que pensam que as metodologias ativas deixam o professor em plano secundário e que as tecnologias podem tomar seu lugar (MORAN, 2015, p.27).

Na discussão acerca da aprendizagem ativa, destaca-se Jonathan Bergman e Aaron Sams (2018), os quais foram pioneiros dessa prática e tinham consigo o seguinte questionamento: “[...] o que é melhor para os meus alunos em sala de aula”?

Ainda sobre a referida aprendizagem, Bergman e Sams (2018, p. 10) salientam que: “[...] inverter a sala de aula tem mais a ver com certa mentalidade: a de deslocar a atenção do professor para o aprendiz e para a aprendizagem. Todo professor que optar pela inversão, terá uma maneira distinta de colocá-la em prática”. Levando em consideração esta afirmação e demais leituras, saliento a sala de aula invertida enquanto uma modalidade das metodologias ativas.

Bergman e Sams (2018, p. 11) ressaltam que: “[...] o conceito de sala de aula invertida é o seguinte: o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula”. E certamente, este foi um dos grandes desafios enfrentados na atualidade pelo sistema educacional.

Andrade et al. (2019, p. 6) corroboram que

A Sala de Aula Invertida (SAI) é uma técnica de ensino mediada pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), e como o próprio nome deixa evidente, ela inverte a lógica tradicional de ensino, na qual o aluno comparece à escola para receber o conteúdo através da exposição docente. Nessa proposta, o aluno tem contato antecipado com os assuntos que irá aprender através de atividades em casa por meio do ensino on-line. E o que fazer com o tempo que sobra em sala de aula? Em sala, os alunos são incentivados a trabalhar em equipes, de forma colaborativa, tendo o professor como mediador entre si e realização de suas atividades. Com a antecipação do conteúdo (premissa da Sala de Aula Invertida), cria-se também a possibilidade de otimização do tempo em sala de aula. O tempo que seria gasto com a transmissão de informações passa a ser de engajamento entre professor e aluno, o



que se torna uma vantagem para ambos, o que ocorreu na intervenção pedagógica realizada.

Um dos maiores desafios do professor de Geografia, sem dúvida, é fazer a ruptura de maneira gradativa com a prática tradicional, e de acordo com a realidade enfrentada em sala de aula ir adaptando-se e inserindo práticas que permitam dar voz ao estudante e permiti-lo ser protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Andrade et al. (2019, p. 5)

Na abordagem tradicional de ensino é o professor quem controla a maneira como os conteúdos são apresentados aos alunos. Contrariando essa ideia, hoje existem inúmeras possibilidades que emergem das Metodologias Ativas, para favorecer a ação educativa discente: estudo de caso, a instrução pelos pares (do inglês peer instruction), o método de projetos, a aprendizagem baseada em problemas (também conhecida pela sigla PBL, iniciais do termo em inglês Problem Based Learning), a sala de aula invertida (do inglês Flipped Classroom), entre outras.

Vale ressaltar que não existe receita pronta, o professor de Geografia terá que utilizar inúmeras e distintas práticas, e a partir daí acredita-se que a sala de aula invertida possibilitará êxito nessa modalidade ativa, a qual viabiliza o protagonismo do aluno.

Neste âmbito, Rocha (2014, p.3) afirma que: “Talvez o equívoco de concepção esteja na ideia de que Sala Invertida pressupõe o uso de tecnologias. É comum a reação de professores que desistem de utilizar essa metodologia ativa porque está preso a esse pressuposto”. Em contrapartida a essa discussão que traz notoriedade aos recursos tecnológicos, aos alunos que já são rotulados de “nativos digitais” é necessário filtrar as informações para que a aprendizagem ocorra de modo significativo e aproveite esse desejo de novas descobertas por parte dos alunos.

Vale salientar, que é necessário diante de tantas implicações, enxergar o fosso tecnológico e as disparidades socioeconômicas que se tornam visíveis nesse período da Pandemia de COVID 19, expondo sem sombra de dúvida, uma globalização perversa. Sobre isso, destaca-se:

Essas técnicas da informação são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque escapa a possibilidade de controle (SANTOS, 2003, p.39).

Uma consequência perversa da globalização encontrada nessa nova forma de fazer educação, foram as diferenças socioeconômicas dos alunos, impedindo que muitos tivessem acesso aos recursos digitais. Mas tinham o material de forma impressa a cada 15 dias.

É nesse contexto de desafios que a sala de aula invertida surge enquanto possibilidade didático pedagógica, a qual permite uma sistematização e um protagonismo dos estudantes.



## RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

A Escola Municipal Pedro Carnaúba no ano letivo de 2021 conta com 923 alunos, 43 profissionais e 29 turmas ativas. A referida Escola compõe o maior número de alunos da rede municipal de Viçosa/Alagoas. Apresenta seis turmas de 9º anos e em quatro delas foi utilizada a sala de aula invertida como suporte metodológico.

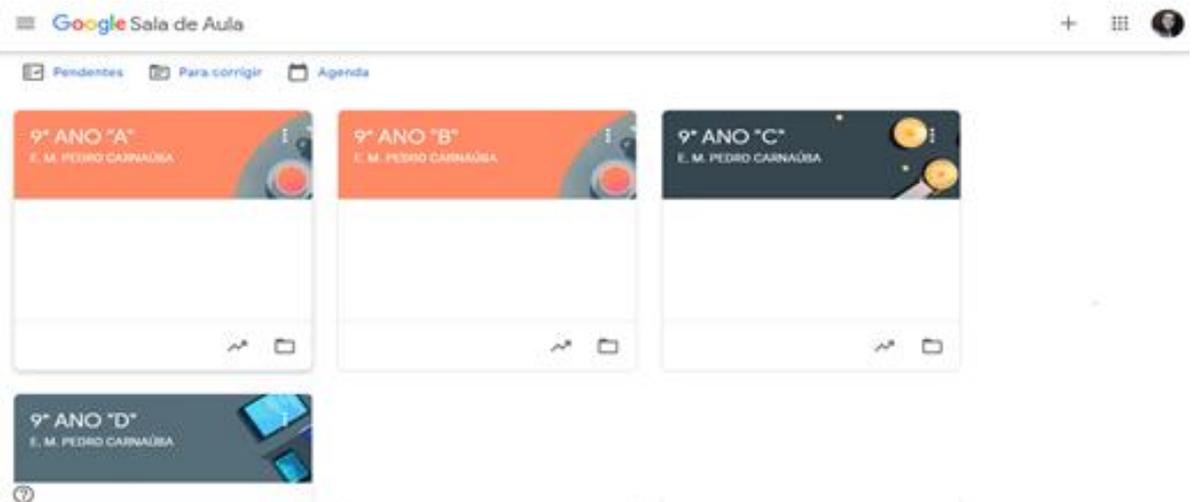
Os alunos dos 9º anos da Escola Municipal Pedro Carnaúba (Viçosa/AL), apresentam realidades sociais e econômicas bem distintas, alguns residindo na zona rural e outros na zona urbana.

A situação socioeconômica de alguns alunos, repercute diretamente em sua atuação em sala e sua interação com as ferramentas digitais apresentadas ao longo do ano letivo. Alguns tiveram uma participação mínima nas atividades propostas, tendo em vista a dificuldade ao acesso a internet.

Como medida emergencial e mitigadora dos danos causados na aprendizagem em decorrente da Pandemia de COVID 19, os alunos que tinham acesso à internet foram inseridos no Google Sala de Aula (Classroom) na qual os professores puderam inserir videoaulas, atividades, jogos, a qual foi avaliada como uma ferramenta complementar de aprendizagem.

Conforme aborda Pereira et all

[...] O Google Classroom atende às necessidades como um AVA, pois permite a comunicação entre professores e alunos, postagens em fóruns criados pelo professor, envio de atividades por diversos documentos (texto, planilha, apresentação e desenho), envio de links, imagens e/ou vídeos. As atividades, além de poderem ser feitas pelo computador conectado à Internet, tem a possibilidade de utilização a partir de um aplicativo para celular, tornando a mobilidade plenamente executável (PEREIRA, 2017, p. 6).





**Figura 2:** Ambiente Virtual de Aprendizagem - Google Sala de Aula (Escola Municipal Pedro Carnaúba, Viçosa/AL).

**Fonte:** acervo da autora, (2021).

Nesta proposta de organização e ordenamento das aulas, ficou acordado com toda a comunidade escolar, que a cada 15 dias todos os alunos deveriam ir até a Escola na data estabelecida a cada seguimento e buscar suas atividades impressas.



**Figura 3:** Alunos da Escola Municipal Pedro Carnaúba, Viçosa/AL.

**Fonte:** Imagens retiradas das redes sociais da Escola (Autorizada pela Coordenação), 2021.

Vale ressaltar, conforme já mencionado, os alunos que tinham acesso à internet foram inseridos no Google Sala de Aula, recebendo uma senha de acesso e posteriormente pautado em uma escala semanal, na qual cada professor no dia estabelecido faria sua postagem. Desta maneira propiciaria aos alunos um material complementar, diferentemente dos que infelizmente não retém esse recurso e só teria como base as atividades impressas.

No entanto, destacamos que de cada quatro turmas de 9º ano, um número pequeno tem acesso à internet. Os demais, se deslocam até a casa de colegas para que possam utilizar a internet e ter acesso aos materiais disponíveis pelos professores.

A partir da realidade supracitada e ciente dos desafios impostos pelo atual cenário educacional, o conteúdo geográfico trabalhado foi “O capitalismo, o Socialismo e suas características”. É nesse contexto de desafios, a utilização da sala de aula invertida se apresenta como uma ferramenta pedagógica que possibilita uma sistemática e um protagonismo dos estudantes.

Após ser definido o conteúdo a ser trabalhado, os alunos tiveram acesso a uma videoaula referente a temática. Um quiz geográfico criado no <https://wordwall.net/> foi disponibilizado, para que de distintas maneiras, os mesmos fossem se familiarizando com o conteúdo, além de atividades com questões objetivas e subjetivas.



As atividades propostas foram reenviadas pelos alunos. Alguns até fizeram questão de escrever no caderno e enviar a foto das atividades respondidas, no intuito de receberem um feedback dos professores sobre seus avanços e dificuldades na realização da atividade.

Vale ressaltar, que houve uma preparação antecipada e os alunos tiveram autonomia para inicialmente assistir a videoaula e irem “pausando o professor” conforme sua necessidade e seu grau de dificuldade.

Como não existe uma aprendizagem homogênea e cada aluno apresenta suas particularidades, cabe ao professor de Geografia ir controlando o ritmo da sua aula, mediante os objetivos estabelecidos para desenvolver as competências e habilidades necessárias na compreensão do conteúdo.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) destaca em sua quinta Competência Geral que:

[...] é necessário compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017, p. 11).

Após a utilização dos recursos supracitados, destaca-se a aula intitulada de “Conversa Geográfica”, a qual foi marcada por meio do Google Meet, no intuito de que as dúvidas em relação ao conteúdo trabalhado fossem sanadas. Nesta perspectiva, destaca-se:

A mediação do ensino-aprendizagem é do professor, que deve dominar o conhecimento geográfico ensinado, assim como as competências e habilidades que orientam o uso das Tecnologias da Informação e Comunicações (TIC) na educação. Desse modo, o docente poderá planejar o processo educacional e mediar o seu desenvolvimento, mirando a formação de agente social que seja competente para a compreensão de conteúdos programáticos e a definição de conceitos, para o exercício da cidadania no espaço vivido e produzido de maneira desigual e contraditória (MINERVINO, 2020, p. 10).

Utilizar metodologias ativas é sem dúvida experienciar várias perspectivas no fazer pedagógico. Destarte, Mercado (2002) destaca que

O professor, na nova sociedade, revê de modo crítico seu papel de parceiro, interlocutor, orientador do educando na busca de suas aprendizagens. Ele e o aprendiz, estudam, pesquisam, debatem, discutem, e chegam a construir conhecimentos, desenvolver habilidades e atitudes. O espaço aula se torna um ambiente de aprendizagem, com trabalho coletivo a ser criado, trabalhando com os novos recursos que a tecnologia oferece, na organização, flexibilização dos conteúdos, na interação aluno-aluno e aluno-professor e na definição de seus objetivos (MERCADO, 2002, p. 18)



Desse modo, faz-se necessário salientar que de modo repentino, os alunos e professores foram obrigados a lidar com uma nova realidade e é nesse contexto delicado e desafiador que o professor de Geografia deve repensar os procedimentos didáticos metodológicos utilizados no intuito de instigar os alunos para a “cultura de aprendizagem”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das informações supracitadas, pensar o contexto pandêmico a nível escolar é sem dúvida intrigante, pois de forma bem clara vai evidenciando as desigualdades sociais decorrentes de uma globalização perversa.

Analisar a realidade atual implica repensar as práticas pedagógicas e está disposto a ir se adequando para que o ensino de Geografia se torne significativo e permita ao aluno construir um raciocínio geográfico a partir de seu espaço vivido e as provocações instituídas por novas práticas.

Nesse processo de ensino e aprendizagem, professor e aluno devem estar lado a lado, enfrentando os desafios impostos por essa nova realidade e juntos construir um conhecimento significativo.

O professor tem um papel primordial, pois a partir de uma reflexão sobre suas práticas, busca fazer uma ruptura com o ensino tradicional, procurando preparar o cenário, despertando no aluno sua criticidade e protagonismo.

Destarte, as metodologias ativas são recursos importantes para viabilizar uma aprendizagem significativa não implicando necessariamente em recursos tecnológicos. Ter bem nítida esta perspectiva, tranquiliza docentes que atuam na escola pública, pois, nem sempre existem equipamentos adequados como, computadores e internet de qualidade para facilitar o processo.

Vale ressaltar que no chão da escola o professor precisa usar sua criatividade, alinhando sua prática com a realidade do aluno para que consiga uma aprendizagem ativa.

A Escola Municipal Pedro Carnaúba, local em que se deu a atual pesquisa, retrata uma variação socioeconômica dos alunos, pois são advindos da zona rural e urbana do Município e expõe grande dificuldade no acesso às ferramentas disponibilizadas on-line.

O Google Classroom é uma ferramenta gratuita que foi muito utilizada no município de Viçosa para tentar diminuir os danos causados pela pandemia da COVID-19. Cada escola foi dando sua identidade a ferramenta e buscando se adequar da melhor forma.

Inicialmente grupos foram criados no Facebook para postagens de atividades, mas sem muito êxito. Logo após em contato com outros municípios, perceberam que o Google



Classroom poderia ter maior aderência e uma sistematização em relação as postagens e o feedback das mesmas.

De maneira geral, percebe-se a ausência de investimentos no âmbito educacional e uma conseqüente precariedade da escola pública, tornando o fazer pedagógico mais desafiador e repleto de altos e baixos.

A educação não é constituída apenas pelo professor, mas é uma ação conjunta entre ele e o aluno na busca por uma aprendizagem de qualidade e que ultrapasse a realidade conteudista de muitas escolas.

Em virtude dos fatos supracitados, torna-se evidente que não existe uma receita pronta para propiciar uma aprendizagem ativa em sala de aula. O professor de Geografia deve estar disposto e aberto a testar novas práticas e adaptá-las à sua realidade educacional; e a sala de aula invertida é uma das inúmeras alternativas que podem ser apreciadas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiz Gustavo da Silva Bispo. et al. A sala de aula invertida como alternativa inovadora para a educação básica. **Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco**, Espírito Santo, v. 8, n. 2, p. 4-22, 2019.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BERGMAN, Jonathan. **Aprendizagem invertida para resolver o problema de dever de casa**. 1 ed. Porto Alegre: Penso, 2018. 93 p.

BERGMAN, Jonathan; SAMS, Aaron. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018. 104 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 208 p.

KLUG, André Quandt; MOLIN, Adriana Dal; DIAS, Liz Cristiane. Ensinar pela Pesquisa: A Educação Geográfica e o Papel do Professor-Pesquisador. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 65-78, jul./dez. 2015.

LIMA, Ana Érica Ferreira; SILVA, Daniele Rodrigues da; ARAÚJO, Enos Feitosa de. Metodologias ativas em Geografia: experiências docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). **Revista GeoSaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-13, mai./ago. 2018.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Formação Docente e Novas Tecnologias. *In*: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). **Novas Tecnologias na Educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 9-26.



MINERVINO, Maria das Lágrimas Leite. **SAIGEO**: sala de aula invertida no ensino-aprendizagem de Geografia. 2020. 83f. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MORAES, Jerusa Vilhena de; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogo. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Espanha, v. 17, n. 2, p. 422-436. 2018.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, A. de S.; MORALES, O. E. T. (org.). *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens* (Mídias contemporâneas, 2). Ponta Grossa: UEPG/ PROEX, 2015.

PEREIRA, Ives da Silva Duque. et al. Proposta Pedagógica de Ensino Híbrido utilizando Google Classroom como Ambiente Virtual de Aprendizagem. In: IX CONGRESSO INTEGRADO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2017, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CITI, 2017. p. 1-10.

ROCHA, Enilton Ferreira. **Metodologias Ativas**: um desafio além das quatro paredes da sala de aula. fev.2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/>. Acesso em 26 de mai. 2021, 21:55:00.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro. VILAR, Edna Telma Fonseca Silva. Quando a escola é contexto para apr(e)nder na/desde a prática de ensino. In: MARTINS, Rosa Elisabete Militz W.; TONINI, Ivaine Maria; COSTELLA, Roselane Zordan (Org.). **Geografias Interativas**. Florianópolis: UDESC, 2020. P. 217-231.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.